

“A QUESTÃO FREIREANA DA EDUCAÇÃO COMO PRÁXIS POLÍTICO-FILOSÓFICA”

Tânia Maria Marinho SAMPAIO

Mestre em Educação - Univ.

Federal Fluminense - RJ

RESUMO

O presente artigo, ao estudar a questão freireana como práxis político-filosófica, mostra como o alfabetizando, em Paulo Freire, distanciando-se de seu mundo, problematizando-o, “decodificando-o” criticamente, se descobre como sujeito instaurador do mundo de sua experiência no qual passa a assumir seu papel. Alfabetizar-se significa, então, aprender a ler a palavra escrita em que a cultura se diz para promover, a partir daí, transformações sociais. Conseqüentemente, haverá sempre profunda vinculação entre teoria e prática. Qualquer dissociação entre ambas representará o reflexo de uma distorção conceitual imposta pelo dualismo cientificista que dissolve artificialmente a conexão entre teoria e vida.

RÉSUMÉ

Le présent article, étudiant la question freirienne comme praxis politico-philosophique montre la manière selon laquelle le sujet dell'alphabétisation, chez Paulo Freire, en s'éloignant de son monde, en le rendant problématique et en "le décodifiant" critiquement, se redécouvre comme le sujet instaurateur du monde de son expérience où il assume sa tâche. S'alphabétiser signifie alors apprendre à lire la parole écrite dans laquelle la culture se dit pour promouvoir, à partir de cela, des transformations sociales. Par conséquence, il y aura toujours profonde

connexion entre la théorie et la pratique et toute dissociation dans ce domaine représentera le reflet d'une distorsion conceptuelle imposée par le dualisme scientificiste qui dissous artificiellement la connexion entre théorie et vie.

Não nos dirigimos, neste texto, ao tratamento da crise das forças políticas que envolveram o regime socialista, mas abordamos, sim, a conseqüente transformação do marxismo, na qual posicionamos a política educacional formulada por Paulo Freire. Respondendo no campo da educação a tais transformações, sua política educacional tem na "filosofia da práxis" o esteio filosófico que, varando o século XX, faz-se frente absoluta para que o velho Marx, renovado, possa ser pensado também no século XXI. Pretendemos assim dar uma contribuição às discussões quanto a novas respostas do marxismo, especificamente no que tange à esfera política da educação.

Por tal, em nome da própria história em seu permanente "devenir", dispomos no mesmo horizonte, aberto em princípios e expurgando os dogmatismos, as categorias político-filosóficas que estariam embasando a política educacional de Freire, compreendendo-as como contribuição à teoria marxista contemporânea.

Entendemos que o princípio básico do marxismo não consistia na revelação de verdades imutáveis, mas, sim, na compreensão de que à medida que a realidade social concreta mudasse, do mesmo modo deveriam mudar as construções teóricas elaboradas para compreendê-las.

Com o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo monopolista, com as revoluções científicas contemporâneas, o predomínio instrumental da razão se tornou onipresente. E a sociedade unidimensional daí advinda, dirigida pelos técnicos e pela ciência, assumiu perspectiva da dominação e da produção.

Verificamos que por ter Freire detectado a renúncia da mediação entre teoria e prática, impressa nessa ordem do scientificismo e da tecnologia, nos permitiu concluir que ambas, a ciência e a técnica, escondendo-se sob o rótulo da neutralidade do saber, visavam, sem outra alternativa, a eficiência de um sistema

social que se faz regido por estímulos externos, a não permitir atos reflexivos.

As categorias conhecimento interessado, auto-reflexão e relação teoria/prática, sob as quais dispomos sua política educacional, mesclam, com certeza, à filosofia da práxis de Marx, o além histórico que quer soerguer o sujeito concreto posto no alfabetizando, o qual acabara por sucumbir na materialidade sem fronteiras que o cientificismo e a tecnologia de um mundo capitalista impuseram ao homem pós-Marx, ou pós-moderno como chamamos hoje.

Nesse contexto por certo, o interesse da razão em se libertar significará mudar o estado de consciência mediante uma teoria prática que não manipule coisas e processos coisificados, mas que conduza a consciência a um estágio de autonomia, por meio de representações críticas e claras.

Por isso o interesse emancipatório a concentrar em si o alicerce da nova sociedade, cujo objetivo deverá ser definido discursivamente em comunhão com os outros e em liberdade de expressão, vinculado a um pensamento em forma de diálogo, é que propiciou no pensamento freireano, a recuperação da relação teoria/prática. Desenvolveu uma nova teoria política da educação, na qual em lugar do sujeito preso ao modelo tradicional de conhecimento, fez valer a autoridade epistemológica enquanto representada pela comunidade que age e se comunica.

Defendemos que Paulo Freire não abandonou o projeto político da modernidade, do esclarecimento humano. Que ele quis convictamente mostrar que a modernidade não está extinta, mas sim, como bem dispôs Marx sobre o tempo histórico, Freire também mostra que a modernidade é um projeto histórico incompleto. Assim achou que devemos completá-la, corrigi-la, pois acusa na sua proposta política de educação, a preocupação com a questão da valorização da emancipação humana, com a libertação do oprimido por essa sociedade que se centrou em torno do poder e do capital.

Fizemos do seu percurso o esteio de nossas reflexões, uma vez que tal autor vem trabalhando, ainda que de forma não

explicitamente sistemática, as categorias que consideramos sustentar sua prática político-educacional, as quais se fazem sonantes aos temas que historicamente enfeixam a contemporaneidade.

Permitimo-nos atentar que a proposição de sua práxis educacional libertadora, atinente ao processo de autoconstituição do sujeito, a responder pela sua libertação progressiva das condições reais de opressão, predispõe para si que os interesses que dirigem o conhecimento e que determinam as condições de validade das afirmações, são eles próprios oriundos da razão humana. E por tal, que o sentido do conhecimento e a medida de sua autonomia não podem ser explicados senão em relação com o próprio interesse. Daí termos entendido que para Freire, o interesse emancipatório está estreitamente ligado à crítica, que já se impõe dentro do conhecimento como processo de auto-reflexão dele e que é justo este o teor contido na sua política educacional, quando se lhe entrega a qualificação gnosiológico-antropológica.

Dessa forma, a primeira categoria que realçamos (conhecimento interessado), de acordo com sua preocupação histórica do resgate do sujeito também histórico, dispõe sobre sua política educacional o conhecimento dirigido por interesses, os quais não se podem ele dissociá-lo, pois esta separação representaria o mesmo que negar a existência de uma finalidade para as ações e as interações humanas.

Como a noção de "interesses" foi por nós interpretada como "as orientações básicas enraizadas nas condições fundamentais específicas da reprodução e autoconstituição possíveis da espécie humana, ou seja, trabalho e interação" (Habermas, 1973, p. 242), nos permitimos esticar essa idéia, mostrando que em Freire, a cultura se faz o lugar onde decididamente essas orientações aportam, assumindo assim a dimensão antropológica que Freire lhe concede. E a teoria da ação cultural, onde se vê a cultura como instância-patamar da alfabetização, nos permitiu concluir que tanto a educação quanto a cultura se revelam sob o estatuto gnosiológico-antropológico.

Frisamos dessa forma que a efetiva ação histórica do homem no mundo é que se impõe como lugar mesmo de sua

emancipação ou libertação; e essa ação histórica Freire vê impressa na ordem cultural. Desse modo é que também frisamos que é na cultura que se manifesta o interesse emancipatório, de sentido apriorístico, o qual se realiza nas dimensões técnica e social, então tornadas no seu seio, viáveis historicamente.

Assim, trabalhando a relação dialética que importa na ação posta no mundo - a ação cultural - e a reflexão sobre essa ação, Freire leva o alfabetizando a conscientizar-se de que esse aprendizado coincide com o aprendizado de sua própria atuação, de sua extensão para a realidade. E isso é a verdadeira práxis em Freire.

Vimos que entregando à alfabetização a fundamentação lógica que requer todo processo de conhecimento, Freire a torna expressão concreta da vocação ontológica de sujeito, posto que delineia o método sobre ela criado, concomitantemente à auto-constituição do sujeito, ao fazê-lo (o método) coincidir com as etapas do processo de conscientização.

Desse modo, na alfabetização/conscientização verificamos a nítida ligação com o conhecimento interessado, condizente com a capacidade de criticidade que possibilita ao homem atender ao seu intento de libertação.

E ainda concluímos que essa criticidade se impõe no momento que Freire caracteriza que a alfabetização não se dá antes nem depois, mas em concomitância à conscientização do sujeito, querendo dizer que a criticidade que a conscientização traz em si, vem já dentro do processo de alfabetização, ou ainda, dentro do processo de auto-reflexão que o conhecimento permanente, inacabado, reciclável promove ao homem, a transformar historicamente sua ação e compreensão do mundo.

Em segunda instância, abordamos a categoria auto-reflexão. Tal estudo nos permite admitir que sendo a auto-reflexão o elemento principal para compreendermos não só a condição do conhecimento interessado, mas também as reflexões entre teoria e prática, faz-se valer como postura metodológica, a qual permite a utilização e formação de uma política educacional crítica, não dogmática, a atender ao interesse da autonomia e emancipação do homem e da sociedade.

Somente pela auto-reflexão é que vemos em Freire a garantia de conquista da liberdade política e da participação social, legitimadas por um processo interativo reconhecido por todos.

Compreendemos que tal como Marx quis superar tanto o materialismo que encontrou em Feuerbach, quanto o idealismo advindo eminentemente de Kant, através da práxis conciliatória dessas duas unilateralidades opostas, Freire também mostrou que a objetividade dos objetos é constituída na intencionalidade da consciência, mas paradoxalmente esta atinge no objetivado, o que ainda não se objetivou inteiramente. Isso corresponde à compreensão de que em Freire, o objeto não é só objeto; é, ao mesmo tempo, problema: o que está em frente como obstáculo e interrogação.

Daf, na dialética freireana constituinte da consciência, em que esta se faz na medida em que faz o mundo, a interrogação nunca é pergunta exclusivamente especulativa: no processo de totalização da consciência, a informação é sempre "provocação" que incita a consciência a totalizar-se. Por isso para Freire o mundo é "espetáculo", mas sobretudo "convocação".

Julgamos muito significativa a compreensão de que a intencionalidade transcendental da consciência permite-lhe recuar indefinidamente seus horizontes e, dentro deles, ultrapassar os momentos e as situações que tentam retê-la e enclausurá-la. Liberta pela força de seu impulso transcendentalizante, pode volver reflexivamente sobre tais situações e momentos, para julgá-los e julgar-se. Por isso é capaz de crítica, por isso se atém a uma práxis que é revolucionária.

Entendemos ainda que a reflexividade é a raiz da objetivação. Se a consciência se distancia do mundo e o objetiva, é porque sua intencionalidade a faz reflexiva. Desde o primeiro momento de sua constituição, ao objetivar seu mundo originário, já é virtualmente reflexiva. É presença e distância do mundo: a distância é a condição da presença. Ao distanciar-se do mundo, constituindo-se na objetividade, surpreende-se ela em sua subjetividade.

Posto isso, atinamos que, distanciando-se de seu mundo, problematizando-o, "decodificando-o" criticamente, no mesmo

movimento da consciência, o alfabetizando em Freire se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência de si e a consciência do mundo crescem juntas e em razão direta; uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca relação entre conquistar-se, fazer-se mais a si mesmo e conquistar o mundo. Aí a essência humana existênciase, autodesvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o alfabetizando é levado a escrever sua história. Alfabetizar-se é assim aprender a ler a palavra escrita em que a cultura se diz e dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. E isso o é a práxis freireana.

Observamos que as etapas do seu método, respaldadas no senso histórico cravado na cultura do povo, fazem das instâncias codificação/decodificação, o espaço para o alfabetizando refletir sobre o conteúdo de sua ação (a teoria, como conteúdo cultural codificado) se aliançando à forma de um conhecimento verdadeiramente crítico (a prática, como conteúdo cultural decodificado).

Seu método de alfabetização, portanto, perfaz a interligação dos elementos que apontamos ao longo de nossa reflexão: uma forma de educação onde o saber nela contido se faz em concomitância à ação própria do homem diante do mundo (a cultura), enquanto já internalizado na ordem da conscientização.

Daí o ciclo que Freire estabeleceu alfabetização/conscientização/cultura se fecha, ao conectar-se estreitamente entre si, nas vezes de fazer da lógica impressa no conhecimento, a própria lógica que perfaz o interesse da vida sujeito que, historicamente, realiza a sua condição originária de libertação, sob a forma de uma educação libertadora. Compreendemos então em Freire, a proposta

de uma teoria do conhecimento que subsidia uma teoria social, a interligar a teoria à prática verdadeira.

Diríamos, pois, que a auto-reflexão representa na obra de Freire, um elemento fundamental na luta pela emancipação. Por ela os dominados podem ser esclarecidos a respeito de sua situação enquanto classe, no contexto da exploração e subordinação capitalista; ela seria uma ferramenta para iluminá-los no resgate dos elementos de classe contidos em suas próprias culturas e no saber acumulado pelos homens através dos tempos. Serviria para orientá-los à conseqüente ação transformadora que a própria reflexão crítica exige.

Então dispomos a terceira categoria, a qual propõe a unidade teoria/prática enquanto dirigida ao contexto da análise político-cultural sobre a sociedade. Enquanto pela análise do conhecimento identificamos em Freire a unidade entre conhecimento e interesse, quando a esta análise juntamos a da sociedade, atingimos a compreensão da unidade entre teoria e prática.

Percebemos, assim, na sua concepção sobre educação, onde busca explicitar os mecanismos de interação entre teoria e prática, a necessidade por ele apontada de armar uma teoria do conhecimento que ao mesmo tempo se aliance, conforme já afirmamos, a uma teoria social. Para ele, uma teoria do conhecimento só tem sentido na medida em que possa ser utilizada para promover transformações sociais.

Tornou-se, assim, possível verificarmos a dissociação entre teoria e prática como reflexo de uma percepção conceitual distorcida. Isto é, a educação parece ter assumido o dualismo cientificista, o qual ao privilegiar apenas uma das manifestações do conhecimento, o encara como único, tomando-se a parte pelo todo, dissolvendo-se com isso a conexão entre teoria e vida. O conceito de teoria, atinente a esse tipo de educação, pressupõe apenas um comportamento passivo, negando-lhe seu componente prático. Não se percebe aí a disposição para uma ação que vise resgatar a reflexão sobre as implicações históricas das ações pedagógicas, no sentido de buscar formas de intervenção social mais efetivas.

Dessa forma é que aqui defendemos a postulação de Freire quanto ao resgate da formação cultural do alfabetizando, como postulado pedagógico da sua emancipação. Aí trabalhando, a saber, efetivando a relação teoria/prática, traz preciosas contribuições para a análise entre o poder e a cultura na sociedade capitalista monopolista.

Ao problematizar a cultura, Freire ressaltou com vigor sua função legitimadora e dominadora, mas deixou espaços para a constituição das relações de resistência, ao mostrá-la como um momento poderoso no processo de dominação, querendo reconstruí-la enquanto força política.

Serviu-se, assim, dessa denúncia, mas no espaço aberto para as relações de resistência anunciou sua ação político-educacional, fazendo com que a praticidade da educação viesse respaldar-se na ação/reflexão, que impregnadas no seu método de alfabetização, simultaneamente desaloja, desloca e dissolve a rigidez da consciência dos alfabetizados oprimidos, a fim de libertá-los dos velhos temas que tragicamente "coagulam" suas consciências, na intransitividade em que se aprisionam.

Concluimos, então, que Freire, sem ter requerido uma sustentação teórico-filosófica que viesse a dar conta da inerência da ação cultural na ordem de uma teoria do conhecimento, propôs uma práxis educacional que se fez o meio ou o método (o de alfabetização) capaz de provocar, em suas etapas intestinas, a conscientização do sujeito perante si, ao pôr em questão suas próprias ações, enquanto reveladoras e transformadoras do processo cultural, o qual se lhe apresenta como condição estruturante de seu próprio contorno no mundo.

Fez pares indissolúveis o sentido gnosiológico do sentido antropológico, ao tornar a sua proposta inquiridora de um saber que se deposita sobre a ordem mesma da vida cultural concreta do alfabetizando, que se transforma a partir daí em realidade-problema.

Podemos finalmente fechar nossas idéias, afirmando que o diálogo freireano, suporte de sua ação político-educacional, carrega para si, no seio de sua estrutura, quer uma práxis utópica, quer uma eticidade política, na exigência de respeito à reciprocidade

da argumentação discursiva de todos os direitos condizentes a cada um e a qualquer participante da sociedade,

Fica o registro da imparcialidade arraigada nas estruturas da própria argumentação, não precisando ser inserida como um conteúdo normativo adicional. É daí que deduzimos a proposta ético-política que subjaz à sua práxis dialógica, considerando que a liberdade e a democracia perfazem as representações fundamentais que desembocam nas condições de simetria social e nas expectativas de reciprocidade.

Essa nossa conclusão nos permite chegar a dispor que a aludida práxis dialogal põe em questão um tipo de vontade racional, passível de garantir o interesse de todos os indivíduos particulares de uma comunidade, a qual não deixa de se fazer atenta à coesão social que a unifica objetivamente.

Freire preconizou, diante do que apreendemos, uma verdadeira política educacional que apontou um dos caminhos auxiliares para o abalo ético, político e epistemológico da devastação irracional, a qual nutre a relação opressora que se abate sobre a realidade social brasileira.

Asseguramos que nossa leitura sobre Freire obedeceu ao próprio princípio que emana de uma práxis humana revolucionária. Levantamos as categorias que, no tempo contemporâneo, sustentam e representam o a mais teórico que se congeminou ao a mais histórico que o século XX engendrou em si; ou seja, o deslocamento da centralização do capital, feito sujeito do capitalismo monopolista, para a revolucionária práxis que quer soerguer o sujeito enquanto ser conscientizado, capaz de reinscrever-se numa nova ordem político-ética.

BIBLIOGRAFIA

- BEISEGEL, Celso Rui. "O método Paulo Freire de alfabetização de adultos". In: **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação**. São Paulo, Pioneira, 1974, p. 164-172.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **A questão política da educação popular**. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. **A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea**. São Paulo, Cortez, 1991.
- BUFFA, Ester, Miguel G. Arroyo, Paolo Nosella. **Educação e cidadania**. Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 8ª edição.
- _____ . **Conscientização. Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Moraes, 1990, 3ª edição.
- _____ . "Conscientización y revolución". in: **Documentos IDAC**. nº 1, Genebra, 1973.
- _____ . **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, 15ª edição.
- _____ . "Papel da educação na humanização". In: **Revista Paz e Terra**. nº 9, out/1969, Rio de Janeiro.
- _____ . **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, 12ª edição.
- _____ . **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- GADOTTI, Moacir. "A educação como ato político: a pedagogia do oprimido". In: **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo, Ática, 1987, p. 26-38.
- GIROUX, Henry A. "Paulo Freire e o conceito de alfabetização crítica". In: **Pedagogia radical**. São Paulo, Cortez-Autores Associados, 1983, p. 80-87.
- _____ . **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, Vozes, 1986.
- HABERMAS, Jürgen. "Connaissance et intérêt". In: **La technique et la science comme 'ideologie'**. Paris, Gallimard, 1973.

- _____ . **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- _____ . **Théorie et pratique**. Payot, Paris, 1975, vol. 1 e 2.
- J., Simões Jorge. **A ideologia de Paulo Freire**. São Paulo, Loyola 1ª, 1973.
- _____ . **Libertação como alienação? A Metodologia antropológica de Paulo Freire**. São Paulo, Loyola, 1979.
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- MANACORDA, Mário A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo, Cortez-Editores Associados, 1991.
- MCLaren, Peter. "Paulo Freire e o pós-moderno". In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 12(1): 3-13, jan/jun, 1987.
- ROUANET, Paulo Sérgio. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986.
- STANLEY, Aronovitz, e GIROUX, Henry. **Postmodern education. Politics, culture and social criticism**. University of Minnesota Press, Minneapolis, Oxford, 1991.
- SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo, Brasiliense, 1988, 2ª edição.
- TORRES, Carlos Alberto. **Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo, Loyola, 1979.
- VASQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.